

## ‘Berta foi a primeira’

Etnólogo aponta contribuição de Berta Gleizer Ribeiro para a antropologia brasileira e a causa dos povos indígenas

### *‘Berta was the first’*

*Ethnologist points out Berta Gleizer Ribeiro’s contribution to Brazilian anthropology and the cause of indigenous peoples*

RENATO AMRAM ATHIAS

YOLANDA LIMA LÔBO

### RESUMO

Ele conheceu a antropóloga Berta Gleizer Ribeiro em 1978 e não interrompeu a interlocução até ela falecer, em 1997. Hoje professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Renato Amram Athias mantém intensa relação com a obra de Berta, cuja tese de doutorado ainda o ajuda a entender objetos xamânicos que se encontram nos museus. “Acho que Berta Ribeiro foi a primeira antropóloga a desenvolver uma relação de engajamento com cultura e arte indígena”, arrisca Athias, ressaltando que a antropóloga “não só produziu academicamente”, mas também foi pioneira em estender para um público mais amplo e não especializado as exposições sobre o material etnográfico, manifestando uma faceta do seu “engajamento político com os povos indígenas”. Nesta entrevista, concedida a Yolanda Lima Lôbo — uma das organizadoras do dossiê “Mulheres e produção das ciências no Brasil: a contribuição da antropóloga Berta Gleizer Ribeiro (2/10/1924 - 17/11/1997)” —, Renato Athias conta um pouco dos bastidores de sua convivência com a antropóloga e testemunha a relevância do seu legado.

**Palavras-chave:** Berta Gleizer Ribeiro; cultura indígena; arte indígena.

### ABSTRACT

He met anthropologist Berta Gleizer Ribeiro in 1978 and continued their dialogue until her death in 1997. Now a professor at the Federal University of Pernambuco (UFPE), Renato Amram Athias maintains an intense relationship with Berta's work, whose doctoral thesis still helps him understand shamanic objects found in museums. “I think Berta Ribeiro was the first anthropologist to develop a relationship of engagement with indigenous culture and art,” ventures Athias, emphasizing that the anthropologist “not only produced academic work,” but was also a pioneer in extending exhibitions of ethnographic material to a wider, non-specialized audience, demonstrating one facet of her “political engagement with indigenous peoples.” In this interview, given to Yolanda Lima Lôbo -- one of the organizers of the dossier “Women and the production of science in Brazil: the contribution of anthropologist Berta Gleizer Ribeiro (2/10/1924 - 17/11/1997)” --, Renato Athias tells a little about the behind-the-scenes of his relationship with the anthropologist and testifies to the relevance of her legacy.

**Key words:** Berta Gleizer Ribeiro; indigenous culture; indigenous art.

**Gostaríamos de saber como se deu o seu encontro com a professora Berta Gleizer Ribeiro.**

**Renato Athias:** A primeira vez que eu me encontrei com a Berta Ribeiro foi em 1978. Não foi no Rio de Janeiro, onde ela morava, nem em Manaus: eu me encontrei com a Berta Ribeiro em Iauareté. É um lugar que fica na fronteira do estado do Amazonas com a Colômbia, lá na foz do rio Papuri com o rio Uaupés. Esse local é importantíssimo para os povos indígenas dessa região! E nós tivemos esse primeiro contato nessa região do Alto Rio Negro, que é riquíssima, maravilhosa, da qual eu gosto muito. São muitos anos que eu conheço essa região, e tenho o maior carinho por ela.

**Em que circunstâncias ocorreu esse primeiro encontro com Berta?**

**Renato Athias:** Berta Ribeiro chegou junto com outra antropóloga, uma americana chamada Janet Chernela, e ali ficaram uns dias — umas três semanas, mais ou menos. Janet viajou para o Alto Uaupés, onde iria se encontrar com os Uanano/Kotiria. Berta Ribeiro saiu dessa região depois de uma série de conversas comigo sobre um local onde ela queria trabalhar bem a questão das cestarias. Ela queria trabalhar com o grupo indígena Desana. Esse povo Desana tem uma especialidade sobre as técnicas de cestaria em toda a região. Isso foi em 1978. Mas em 1974, em Pari-cachoeira — portanto, em outro local, no Rio Tiquié —, eu tinha-me encontrado com o Luiz Lana (Tolamãñ Kenhíri) e o seu pai, Firmiano Arantes Lana (Umusi Pärökumu), durante as festas de final de ano, e foi aí que eu conheci Luiz Lana, sua irmã e sua família, que estavam acampados num barracão da aldeia São João, em Pari-Cachoeira, no Rio Tiquié. Luiz Lana nasceu em São João, recebeu todos os ensinamentos que vieram do seu avô — e, posteriormente, do seu pai —, e foi ali que ele passou a vida toda. Eu acho que isso é importante. Uma parte dessa história está contada no livro da própria Berta Ribeiro, quando ela organiza o texto produzido à mão em cadernos, pelo próprio Luís Lana. Quer dizer, o pai falava, e Luís Lana copiava num caderno.

**Trata-se dos originais do livro “Antes o mundo não existia”, que viria a ser publicado sob a autoria de Firmiano Lana, o pai, e Luiz Lana. Você chegou a acompanhar o trabalho de Berta na organização desse livro histórico?**

**Renato Athias:** Eu cheguei a ver esses cadernos na mão de Berta Ribeiro logo quando ela saiu de São João e viajou para o Rio de Janeiro. Essa relação com a Berta Ribeiro iniciou-se em 1978 e não parou até ela falecer, em 1997. Depois, nos encontramos tanto no Rio de

Janeiro quanto em Paris, nos anos 1990, quando ela veio participar de um evento. Como ela fez a sua pesquisa de campo no rio Negro e Xingu nos finais dos anos 1970 para a sua tese de doutorado na USP, tivemos vários contatos posteriores para eu suprir informações etnográficas específicas para suas publicações sobre região do alto rio Negro.

**Parece que essa decisão de se dedicar aos estudos na região do alto rio Negro marcou profundamente a trajetória da antropóloga, não é?**

**Renato Athias:** Acho que essa foi uma questão importante para que você possa entender que ela teve uma vida muito ativa em relação aos povos indígenas. Há uma história que precisa ser contada relacionada a essa ideia do que ela chamou de civilização das palhas, que eu acho que é importante. Ela traz, justamente, a partir dessa região, o contato com os povos indígenas da região do alto rio Negro e a leitura etnográfica que Berta fez. Ela fez a leitura de praticamente todos os livros de uma etnografia presente nessa região, e ela produz em cima disso. Logo ela se tornou doutora pela USP e assumiu, por muitos anos, a curadoria das coleções etnográficas do Museu Nacional.

**Pode-se destacar alguma obra resultante dessa experiência de Berta?**

**Renato Athias:** Vou fazer uma referência a um livro de Berta Ribeiro que é importantíssimo. O título é Dicionário de Artesanato, mas, na realidade, esse livro é mais do que um dicionário. A partir de ilustrações que ela consegue fazer do material existente no Museu Nacional, ela trabalha dois níveis, duas dimensões do objeto etnográfico: uma dimensão que podemos chamar de morfológica e a outra dimensão que a gente poderia chamar de simbólica. E é muito interessante: quando olho esse Dicionário de Artesanato, percebo coisas, sobretudo com os objetos do rio Negro, que me fazem pensar muito sobre essas questões simbólicas e sobre o significado profundo da existência desse material etnográfico, desses objetos etnográficos, que são parte fundamental das práticas xamânicas e das celebrações ritualísticas dos povos indígenas do rio Negro. Então, acho muito importante poder falar sobre essas dimensões da obra de Berta Ribeiro.

**Uma segunda questão que gostaríamos de lhe propor é como se torna antropólogo no Brasil...**

**Renato Athias:** Essa é uma questão muito interessante. Se a gente pensar, o campo disciplinar da antropologia se constitui de fato no século XX. Quer dizer, no início do século, não temos, assim, uma profissão de antropólogo. Aliás, até hoje não se tem a profissão de antropólogo. Não existe esse registro de antropólogo como uma profissão no

Brasil. Tem sociólogo, mas antropólogo não tem. Então, como se torna um antropólogo aqui no Brasil? Fazendo um curso de pós-graduação em antropologia. No momento que você faz esse curso de pós-graduação em antropologia, você se torna um antropólogo. Mas se torna um antropólogo muito mais acadêmico do que prático. Geralmente, as pessoas que trabalham como antropólogos fora da academia se situam em organizações não governamentais — evidentemente, reconhecidos pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA). A Associação Brasileira de Antropologia é quem reconhece o antropólogo. Nós somos todos filiados à ABA. Mas, para ser antropólogo é preciso fazer o curso de antropologia, em nível de graduação e/ou de pós-graduação, aqui no Brasil ou no exterior.

**O que dizer da contribuição de naturalistas que deixaram seus relatos sobre nosso território e seus habitantes já no século XIX?**

**Renato Athias:** No início do século XX não existia essa profissão de antropologia, mas sim, muito mais forte, de etnologia. Essa noção de etnologia, de etnógrafo, já existe desde o século XIX, principalmente no exterior. No século XIX, nós vamos encontrar vários etnógrafos naturalistas, alguns deles famosos e importantíssimos para o Brasil. E aqui só quero frisar um, que foi o Curt Nimuendajú, alemão que chegou ao Brasil, em 1904, e que se naturalizou brasileiro com o nome Nimuendajú, que recebeu dos Apapokuva-Guarani de São Paulo, que significa “aquele que fez moradia” ou “o que fez seu assentamento”. Ele trabalhou durante muitos anos, até a sua morte, em 1945, entre os Tükuna do rio Solimões, no Amazonas, deixando uma quantidade significativa e riquíssima de publicações etnográficas e antropológicas sobre os povos indígenas a partir de seus trabalhos de campo no Brasil. Acho que valeria a pena, inclusive, você pensar em organizar uma matéria só sobre Curt Nimuendajú.

**Que influências da tradição antropológica o conduziram a escolher a antropologia como campo de formação profissional?**

**Renato Athias:** Essa pergunta é muito importante. As tradições antropológicas no Brasil são de diferentes situações. No meu caso específico, venho de uma tradição antropológica filiada, vamos dizer assim, a Claude Lévi-Strauss, o que a gente poderia chamar de um estruturalismo. Mas não seria só essa questão do estruturalismo que me fez trabalhar nessa região do alto rio Negro; outras filiações antropológicas e acadêmicas me levaram a pensar mais, por exemplo, principalmente sobre a questão da descrição etnográfica e sobre as

relações interétnicas observadas entre os povos indígenas do rio Negro. E aí temos vários antropólogos que defendem essa descrição etnográfica de uma maneira mais aprofundada. Então, se você pensar no meu caso, se olhar na minha perspectiva, venho de uma linha relacionada ao próprio Lévi-Strauss, mas não somente dela, onde a gente pode vincular essa questão da etnografia. Eu me sinto muito mais etnólogo do que antropólogo. O etnólogo tem como principal questão a discussão sobre as sociedades etnicamente diferenciadas. Então eu produzo academicamente com sociedades etnicamente diferenciadas, com etnias, e isso me faz muito mais etnólogo do que antropólogo. Evidentemente, aqui no Brasil a gente não faz muito essa distinção entre etnólogo e antropólogo, e eu me apresento como antropólogo.

### **Aí cabe a outra pergunta: como permanecer antropólogo no Brasil?**

**Renato Athias:** Têm duas questões que são importantíssimas sobre como permanecer antropólogo. Ou você se vincula a uma instância da academia — portanto, a um departamento de antropologia de alguma universidade — ou você se torna, por exemplo, antropólogo em instituições que têm esse plano de carreira. Vou dar um exemplo: o Ministério Público Federal tem, entre os seus quadros, o cargo de antropólogo. Ou, ainda, você se filia e começa a realizar trabalhos a partir de uma organização não governamental. E aí você permanece antropólogo em atuação aqui no Brasil. Ou então, finalmente, você pode atuar como um antropólogo independente, um consultor de instituições da cooperação internacional, por exemplo. Eu citei o Ministério Público Federal, mas têm organismos internacionais, como a ONU, como a Unesco, que contratam antropólogos.

### **Como se pode perceber o trabalho de Berta Ribeiro no campo da antropologia?**

**Renato Athias:** Têm duas coisas importantes relacionadas à pesquisa realizada por Berta Ribeiro. Uma delas é a questão da descrição e das práticas etnográficas sobre objetos de produção do cotidiano: ela fazia questão de fazer a descrição, e na região do alto rio Negro ela fez muito isso. Não foi só olhar o objeto, mas também trabalhar colaborativamente com as pessoas que produzem esse objeto, buscando o seu significado mais profundo. Ao fazer isso, ela vincula esse trabalho a uma narrativa mitológica e simbólica. Ela buscou essa narrativa mitológica no sentido relacionado ao objeto e procurando dar sentido, criando sentidos para aquele objeto. Essa é uma das questões relacionadas ao trabalho de Berta Ribeiro, que foi extremamente importante tanto para o campo disciplinar da antropologia como para o da museologia. Ainda vinculada a isso, um segundo aspecto é que ela discute a questão da palha, as folhas e a produção que se faz sobre as folhas, que é algo imenso, e o

trabalho de Berta foi e é emblemático. Se você ler a tese de Berta Ribeiro, você vai ser transportada para o mundo que ela coloca muito bem e que ela deu o subtítulo da sua tese de doutorado — A Civilização da Palha: a arte do trançado dos índios do Brasil —, que é famosa. Isso aí, pelo menos para mim, foi muito importante e me ajudou a entender e a compreender muitos dos objetos que se encontram nos museus e que para mim são fundamentais. Nesse sentido, tenho uma relação importante com Berta Ribeiro; não aquela relação pessoal que eu tinha até o falecimento dela, mas relacionada à sua obra, porque me ajuda a compreender os objetos com que eu trabalho, os objetos xamânicos que se encontram nos museus.

**Como você sintetizaria o legado de Berta Gleizer para a antropologia?**

**Renato Athias:** Acho que Berta Ribeiro foi a primeira antropóloga a desenvolver uma relação de engajamento com cultura e arte indígena. Ela não só produziu academicamente, mas foi ela que fez as primeiras exposições sobre o material etnográfico. Dentre as diversas exposições realizadas, eu destaco a exposição/livro em 1990 “Amazônia Urgente: cinco séculos de história e ecologia”. Essa exposição inovadora ultrapassou os limites tradicionais dos museus, alcançando públicos diversos em locais como a estação do metrô do Largo da Carioca, no Rio de Janeiro. Essa abordagem única permitiu que a exposição alcançasse um público mais amplo e diversificado, compartilhando a rica história e ecologia da Amazônia de forma acessível e impactante. Fantástica! Estive lá e fiquei abismado com a maneira como ela organizou essa exposição. Nesse sentido, ela foi precursora, ela deu início, ela procurou esse movimento, e isso a gente pode dizer que foi através do seu engajamento, do seu engajamento político com os povos indígenas, de trazer a arte e a cultura indígena para uma exposição e relacionar com a atualidade. Isso se deu em um contexto de embate político em relação aos povos indígenas, que foi muito forte dentro da Constituinte. Então ela soube trazer para as artes, e da arte e da cultura indígena, essa questão da política, de se relacionar politicamente com os povos indígenas e a sua obra. Acho que nesse sentido foi muito importante esse engajamento de Berta Ribeiro.

**Renato Amram Athias**

Doutor em Etnologia, professor associado II do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE.

**Yolanda Lima Lôbo**

Doutora em Educação, professora aposentada do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Uenf.